

DA UNIVERSIDADE PARA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA DE LABORATÓRIO DE LICENCIATURA PARA O ENSINO DE LÍNGUAS

Darlene Gomes Lordelo Jesus¹

Resumo: Este artigo apresenta uma defesa ao laboratório de licenciatura a partir de experiências durante o tirocínio do mestrado com o ensino e aprendizado de línguas através do texto literário e do uso da tecnologia em grupos de pesquisa/ trabalho. Para melhor apresentar esse texto, este foi estruturado em tópicos, dentre eles estão: I. A necessidade de busca pelo conhecimento, tanto por uma questão pessoal quanto profissional por meio de uma metodologia autobiográfica por entender que a identidade individual e profissional se faz pela interação social; II. A precarização da educação citada por Nóvoa (2017), reforçando a busca por parceria entre universidade e escola básica enquanto medida para minimizar esse processo; III. A defesa ao estreitamento da distância entre teoria-universidade e prática-escola a partir do espaço híbrido, chamado por Nóvoa (2017) de Laboratório de Licenciatura; IV. Em metodologia autobiográfica para pesquisa em educação, examino as razões da escolha da pesquisa autobiográfica. V. Por fim, no levantamento de dados, apresento o Laboratório de licenciatura no contexto da pandemia da Covid-19, contextualizando com o ensino remoto e a codocência, além de abordar o itinerário entre UNEB e a sala de aula da escola pública. Nas considerações finais, enfatizo que o processo de profissionalização docente deve ser uma constante na práxis docente.

Palavras-Chave: Profissionalização docente. Ensino de línguas. Codocência. Laboratório de Licenciatura.

¹ Mestranda em Crítica Cultural (UNEB). Professora de Língua Estrangeira da rede estadual de ensino da Bahia desde 2013. Endereço eletrônico: darlin-prof@gmail.com.

FROM THE CLASSROOM IN BASIC EDUCATION: A DEFENSE TO THE LICENTIATE LABORATORY FOR LANGUAGE TEACHING

Abstract: This article presents a defense to the licensure laboratory based on experiences during the master's course with the teaching and learning of languages through the literary text and the use of technology in research/work groups. The article is structured in following topics: I. The autobiographical methodology as way to understand that individual and professional identity is made through social interaction; II. The reinforce of finding ways for a partnership between university and elementary school as a measure to minimize this process; III. Ways to overcome and narrowing of the distance between theory-university and practice-school from the hybrid space, called by Nóvoa (2017) as Licensure Laboratory; IV. The reasons and benefits for choosing autobiographical research. V. The report on a personal experience about the Licentiate Laboratory in the context of the Covid-19 pandemic, contextualized with remote teaching and co-teaching, and addressing the itinerary between UNEB and the public-school classroom. In the final considerations, I emphasize that the process of teacher professionalization must be a constant in teaching practice.

Keywords: Teacher professionalization. Language teaching. Co-teaching. Licentiate Laboratory.

Introdução — o contexto da pesquisa

O ensino de Línguas na educação básica reúne diversos questionamentos, diferentemente, de outros componentes curriculares como de exatas e ciências naturais, por exemplo, todos têm um certo entendimento acerca do conteúdo abordado. Mas, nas aulas de Línguas, os estudantes, assim como

a família e a comunidade, projetam expectativas sobre a proficiência a ser alcançada, muitos confundem os objetivos da escola regular com os dos cursos Livres de Línguas. Estes não precisam seguir nenhuma normatização legal como os orientadores curriculares, e o seu público-alvo é restrito a uma parcela da sociedade com interesses específicos. Além dessa incongruência de objetivos entre a escola regular e o ensino de Línguas, outra divergência está na profissionalização docente oferecida pela instituição formadora, ou seja, nas universidades de Licenciatura em Línguas. Os estudos de António Nóvoa (2017) retratam fragilidades no sistema educacional e critica a supervalorização da produção acadêmica em detrimento a profissionalização docente. As autoras Finardi e Dalvi (2012) relatam em seus estudos a insegurança do egressos nos cursos de licenciatura, isso porque a estruturação dos cursos de graduação privilegiam a leitura, análise e produção textual centrados na teoria, relegando à prática pedagógica uma carga horária ínfima, normalmente, nos últimos semestres e concomitantes à produção do TCC. E, esse profissional com deficiências na formação irá lecionar para alunos que posteriormente irá ingressar na graduação com lacunas e, assim, forma-se um ciclo de fragilidade docente, discente e formativo. E, justamente, com essa sensação de deslocamento do lugar que me caberia enquanto docente no ensino de Línguas na escola regular, apresento o itinerário árduo que percorri na busca por profissionalização docente, descreverei e analisarei as experiências que me permitiram quebrar esse ciclo de desvalorização profissional e criar um caminho personalizado para minha práxis pedagógica.

Sabemos tudo mesmo? Em que esse artigo pode colaborar?

O conhecimento amplia as possibilidades do indivíduo diante de uma sociedade contemporânea competitiva e fragmentada, e para conquistar oportunidades de trabalho,

estudo e melhorar sua condição de vida o sujeito passa por formação moral pela interação com os familiares e segue para escola para compreender conceitos e desenvolver suas habilidades fundamentada na educação formal, isto possibilita a inserção no mercado de trabalho e lá reestrutura sua imagem pessoal a partir de sua relação com o grupo de trabalho impactando diretamente na sua identidade. Portanto, a autoimagem do docente reflete a sua relação com a práxis, logo, a insegurança do fazer docente gera uma baixa autoestima do docente. Esse mal estar pode acompanhar por toda a sua vida profissional, ou, ser reconstruída a cada formação, na qual, esta possa reavaliar suas práticas e sua satisfação enquanto profissional. Pereira (2015) indica a metodologia narrativa autobiográfica como possibilidade de reconstrução da imagem pessoal e social do docente refletindo diretamente na autoestima. Mas, a formação continuada nem sempre atende as necessidades de profissionalização, pois na especialização o indivíduo pode ser levado a permanecer no campo da teoria, ou, com muito custo, encontrar viés prático. Nóvoa (2017) defende o estreitamento entre teoria e prática, porém as ações ainda são tímidas, as universidades vêm demonstrando uma mudança de paradigma permitindo que a teoria venha amparar a prática e vice-versa. E, este estreitamento entre teoria à prática terá um demonstrativo a partir da pesquisa que realizei durante o mestrado e que mudou minha práxis docente e, de certa forma, minha identidade pessoal e profissional.

Qual problemática conduziu esta pesquisa?

Nóvoa (2017) relata um sistema de precarização da educação, seria um desmonte da estrutura educacional desde a base física da escola, às leis que orientam o currículo à instituição formadora de docentes. Neste ciclo, a universidade lança no mercado de trabalho docentes despreparados para o fazer pedagógico, a escola regular recebe este

profissional que oferece um serviço limitado porque não houve formação suficiente na faculdade, alguns seguem a vida acadêmica e reproduzem o padrão a que fora submetido. O docente passa toda sua vida profissional com baixa auto-estima e a sociedade reforça o estigma ao desvalorizar seus serviços. Ainda nessa lógica de precarização, os deputados que deveriam elaborar leis que estruturam uma formação mais prática da licenciatura não se interessam tanto por essa não demonstrar ser prioridade da nossa sociedade com baixa consciência cidadã. Parece que a escola é uma arma perigosa para emancipação do povo, o que resultaria numa participação mais atuante da sociedade na política. Essas mudanças de paradigma levam tempo, mas pode acontecer. Nóvoa, cita, especificamente, questões políticas e interesse dos departamentos das universidades em deixar o academicismo para propiciar pesquisas que aproximem a teoria à prática e que ambas se complementem sem sentido de hierarquia e, sim, de simbiose. E, nessa perspectiva, de integração entre universidade e educação básica a pesquisa se desenvolveu, lá seguimos a orientação de estabelecer laboratórios de licenciatura num espaço híbrido com fluxo entre teoria e prática para fomentar a profissionalização docente, como defende Nóvoa (2017). Esse termo era incomum nas discussões as quais me envolvia, queria que alguém me dissesse como ser uma boa professora de inglês se o que eu havia aprendido não correspondia às necessidades dos meus alunos, parece simples, mas passei anos procurando respostas até encontrá-las, mesmo que isso representasse colocar o dedo numa ferida muito dolorosa, eu me sentia fracassada.

Quais são os objetivos deste artigo?

O objetivo geral é debater e retratar possibilidades de estreitamento da teoria com a prática a partir do laboratório de licenciatura, enquanto espaço profissionalização docente, a partir de uma experiência exitosa. Os objetivos específicos

são: 1. defender o laboratório de licenciatura enquanto espaço de profissionalização docente e 2. apresentar a pesquisa em educação a partir da metodologia da narrativa autobiográfica para fortalecer a identidade docente.

Por que metodologia autobiográfica para pesquisa em educação?

A metodologia dessa pesquisa é de narrativa autobiográfica, nela a subjetividade e identidade do pesquisador é o foco do processo, isso porque, são suas convicções, ou falta destas, que o leva para a pesquisa a partir de um problema comum ao cotidiano do fazer pedagógico que, por analogia, pode oferecer recursos para outros que passam por situação semelhante. Segundo Pereira (2015) os estudos voltados para educação passaram a considerar o trabalho biográfico como ação heurística, constitutiva do que se sabe sobre si e sobre o seu fazer, sua práxis. E, essa ação sobre si redimensiona o conhecimento do seu fazer e ser. Para Bragança (2011) e Josso (2002) as memórias narrativas redefinem o ser e o saber, nelas o conhecimento pessoal dialoga com o coletivo e produzem uma nova imagem do indivíduo. Essa busca pela transformação do ser ao se reelaborar a partir de suas narrativas de vida provoca profunda identificação com o modo no qual pretendo proceder na pesquisa. Pretendo, como defende Pollak (1992), apud Bragança (2011), estabelecer relações entre as memórias e a identidade social. Conforme defendem as autoras, a identidade se consolida numa busca constante e infinita. E só se reelabora na interação social, eu e meus pares.

Levantamento de Dados

Sessão I: o Laboratório de licenciatura no contexto da pandemia da Covid-19/Laboratório I

Neste artigo, discute-se o conceito de laboratório de línguas enquanto espaço híbrido constituído tanto por rami-

ficações e sujeitos das universidades quanto por da educação básica, conforme Nóvoa (2017). O conceito de Laboratório de Licenciatura foi extraído dos estudos de Nóvoa (2017) que utiliza este para nomear um ambiente híbrido formatado a partir das contribuições entre membros da universidade e da escola regular.

Para que ambas as vertentes possam se reestruturar e reforçar suas bases a partir desse diálogo equânime e profícuo a fim de produzir ações efetivas de estreitamento entre teoria-universidade e prática-escola regular. Sabendo disso, o grupo de professores da Uneb Jacobina, que será descrito mais à frente, decidiu incorporar em seus planejamentos grupos híbridos.

Estes seriam compostos por professores-formadores da Universidade do Estado da Bahia, alunos da graduação, da pós-graduação e egressos que estivessem atuando na educação básica para participar de um grupo e aplicar em sua turma atividades pedagógicas produzidas em parceria com outros docentes e seus aprendizes. A finalidade deste é aproximar a teoria aprendida na graduação com as atividades desenvolvidas pelo professor regente em suas turmas desenvolvidas, aplicadas e repensadas em conjunto com os professores-formadores da UNEB.

A minha primeira experiência com o laboratório de licenciatura aconteceu durante o cumprimento do Tirocínio durante a pandemia provocada pelo covid 19. Por ocasião, participei, por convite de meu orientador, do Grupo de Trabalho "Panorama da Literatura" estruturado e idealizado por três professores titulares do curso de graduação em Língua Estrangeira, no campus da Uneb Jacobina. Nesta ocasião, precisei assumir a regência da turma do III semestre sob a orientação do professor titular e meu orientador.

Nesta etapa, estava diante de um quadro de ensino atípico por conta da pandemia, as aulas aconteceriam atra-

vés do recurso tecnológico, visto que as aulas presenciais estavam suspensas. Nesse novo arranjo educacional algumas possibilidades reluziam em meio a escuridão da pandemia. Usar tecnologia não era uma escolha, e sim, uma necessidade. No tirocínio, notei que, além da questão tecnológica a virtual, havia ali uma formatação pedagógica diferenciada de tudo que já tinha visto, estava diante de uma rede de apoio com intervenção pedagógica, apoio emocional, suporte operacional e tecnológico, e tudo isso organizado dentro de uma referência teórica, fiquei impressionada.

Porém, tinha certeza que aquele formato só seria possível dentro da universidade e, nunca numa escola regular. Eu estava errada, isso porque apliquei um formato semelhante nas minhas turmas de ensino médio. Voltando ao Tirocínio, lembro-me que fiquei apavorada em dar aulas na graduação, usando a tecnologia sem ter domínio desta, naquele momento eu só pensava em desistir. Não sabia usar a interface do *Google Classroom*, mas havia duas alunas do VI semestre encarregadas disso, elas representavam um suporte técnico voltado para docência, a comunicação com elas não foi algo simples. Naturalmente, nem todos os colegas de trabalho terão afinidades conosco.

Havia ainda um planejamento super organizado, com planos de ensino, ementa, itinerários e trilhas pedagógicas e cronograma com todas as datas, conteúdos, avaliações, referências, materiais pedagógicos, diário de leitura, sugestões de atividades obrigatórias e optativas. Fiquei surpresa com tanta organização. Foi uma experiência transformadora, eu acreditava que jamais conseguiria reproduzir algo assim, mesmo que em proporções reduzidas.

Entendi que a rede de apoio pedagógico extrapola o profissional, se for necessário. Notei o quanto o diálogo é importante mesmo com possíveis divergências. Outro fator preponderante é que o grupo tenha, de forma clara e defini-

da, a função do coordenador do grupo, pois este fará, com auxílio dos demais participantes, a intervenção pedagógica.

Nesta função, haviam dois professores responsáveis. Isso porque, a cada final de módulo, eram três, havia uma reunião para avaliar o planejado e reavaliar as avaliações, numa atividade para recuperar aprendizagem. Sendo sincera, pela primeira vez notei a importância de planejar, aplicar e reavaliar a prática docente.

O que mais chamou minha atenção neste processo foi entender o poder de instrumentalização como ferramenta pedagógica empregada em aplicativos tecnológicos com a plataforma *Classroom*, lá tinha toda a programação da disciplina com datas e atividades, sendo que a cada quinze dias a equipe de professores e alunos se reunia para avaliar as aulas e propor sugestões para superar os entraves.

Depois entendi que o conceito de instrumentalização caberia a atividade objetivas, e não para contemplar a subjetividade que o ensino aprendizagem de línguas, o melhor termo é profissionalização docente, como indica Nóvoa (2017), pois não reproduzimos instruções, nem modelos, ao contrário, produzimos com base em objetivos pedagógicos e reconstruímos para atender as especificidades do grupo ou da turma.

Ao finalizar o tirocínio, eu me senti feliz, porém exausta, e precisava escrever o relatório, percebi que grande parte do texto já havia sido escrito em grupo eu só percebi ao visitá-lo o quanto leve pode ser trabalhar em conjunto. Depois dessa etapa, já no segundo semestre em 2021.2, recebi um convite que me deixou muito feliz, porém com medo de não atender às expectativas, mas lembrei de como funciona a docência e ganhei segurança para participar do GT com grupo da turma do segundo semestre de curso de Língua Estrangeira da UNEB no Campus de Jacobina.

Esse grupo de trabalho transformou o meu olhar sobre a relação entre Língua, Literatura e Práticas pedagógicas, mas, não irei detalhar o desenho pedagógico deste. Pois, o farei na análise do segundo grupo de trabalho, correspondendo ao Laboratório de Licenciatura II. Inclusive, minha pesquisa muda um pouco o foco e segue no sentido de analisar o Laboratório de Licenciatura e seu potencial de aproximar a Universidade da escola e o modo de produção do professor-leitor-formador neste ambiente.

Sessão II: Percorrendo o caminho entre a UNEB e a sala de aula da escola pública/ Laboratório II

O convite para participar do grupo de Práticas Pedagógicas representou outra oportunidade de vivenciar a profissionalização docente através do Laboratório de Licenciatura. Este formato de espaço híbrido deu-se por meio da composição dos membros, dentre eles: professores-formadores da universidade, professores regentes na educação básica, alunos de licenciatura e turmas de ensino médio.

O foco está na formação docente de forma cíclica na qual educação superior e básica caminham juntos em suas potencialidades (re) construtivas. Este laboratório esteve configurado no grupo de trabalho por apresentar uma estrutura pedagógica hierárquica com papéis e funções definidas com foco na profissionalização docente.

A intervenção pedagógica, foi gerida pela equipe de professores-formadores com o objetivo de aproximar o aluno-professor do fazer docente num ambiente real de aprendizagem, ou seja, numa sala de aula, sob regência do professor titular na educação básica assumindo protagonismo em dado momento, mas sob coordenação.

A estrutura do grupo de trabalho seguia a seguinte organização:

- I. Na sala de aula da graduação o professor titular apresentou a proposta pedagógica para o primeiro módulo do semestre, neste o discente deveria desenvolver um projeto de curso de extensão numa turma da educação básica a partir das necessidades dessa comunidade;
- II. Este projeto deveria ser planejado, aplicado e avaliado dentro do grupo;
- III. Foram disponibilizadas as turmas dos professores parceiros para que juntos elaborassem esse projeto que melhor atendesse às necessidades da comunidade escolar daquele local.

Dentre os professores parceiros, muitos deles egressos da graduação ou da pós ou vinculados ao curso de mestrado, como era a minha situação. Participar deste segundo grupo de trabalho levou-me a pesquisar mais sobre a profissionalização docente presente nos laboratórios de licenciatura e este tornou-se o meu objeto de pesquisa.

Todas as vivências transformavam-se em experiências e ao mesmo tempo em dados a serem analisados. O primeiro dado levantado foi o letramento digital, visto que este formato de trabalho em grupo só foi possível pelo viés virtual devido a distância entre os envolvidos.

Logo, a democratização dos *smartphones* foi decisiva para o desenvolvimento das atividades. Isso faz alusão à inclusão digital a partir do letramento. Essa inclusão digital aconteceu paulatinamente e a cada necessidade buscava-se um tutorial ou um colega para ajudar até que o uso se tornasse habitual.

Simple, não é. Porém, é possível. Digo, por mim mesma, que tinha muita dificuldade com tecnologia e fui criando familiaridade com o uso constante e gradual. Isso também, porque não havia outro meio, diante da pandemia e da distância física, avancei na tecnologia e, esta se tornou

comum, até porque, o pedagógico ganha espaço no ambiente virtual, como podemos ver na Figura 1.

Figura 1 — Interface do padlet



Fonte: Autoria própria Interface do padlet

Tomei conhecimento dessa plataforma “*padlet.com*” no GT e fiquei impressionada com a gama de possibilidades. Fiquei com a sensação de estar atrasada diante dos recursos tecnológicos. A primeira impressão diante do recurso tecnológico é de estranhamento, mas esse conhecimento digital sobre a ferramenta se deu no uso, explorando as necessidades. Produzir, elaborar e analisar o que não deu certo, entender e refazer.

Esse foi meu principal aprendizado. Mas, eu não estava sozinha. Por isso esse artigo defende a profissionalização docente a partir da inserção em um grupo itinerante sob supervisão de determinado professor-formador que acolhe e reconhece a legitimidade do professor-titular da educação básica para trazer o que é exequível na prática docente, e dar ao aluno da graduação um crescente protagonismo no fazer docente.

Essa equipe precisa estar afinada para que haja, realmente, um diálogo e ações efetivas no estreitamento da distância entre a universidade-teoria e a escola-prática. Na imagem da figura 1 podemos ver essa construção em muitas

mãos. Primeiramente, fizemos o projeto sobre narrativas góticas, como vimos na interface do *Padlet*, lá anexamos o link para o Google Docs e juntos decidimos como trabalhar o texto, na intervenção pedagógica fomos orientados para explorar o vocabulário.

E, os estudantes do ensino médio teriam que responder e devolver, assim o fizeram adicionando respostas e os nomes. Alguns alunos fizeram cópias e editaram, outros printaram a tela adicionaram informações. Percebi que os estudantes do médio têm muita facilidade com tecnologia e, na sala de aula, muitas vezes ajudaram com os recursos.

Figura 2

GT Co Docência
Docentes coordenadores/ idealizadores:
Monitoras graduandas:
Docente regente:

Título 02: HQ "Sabrina" - Vocabulary

Part I:
Formulário: <https://forms.gle/PcXs9Q184Mk1r996>

Thauan A.B santos

Questions:

1. What can you see?

- a garden
- a spider
- some trees
- women
- some plants
- a decorative font
- a bucket upside down
- a big isolated house
- a cat

2. Number what comes first these elements:

- year
- month

3
1
2

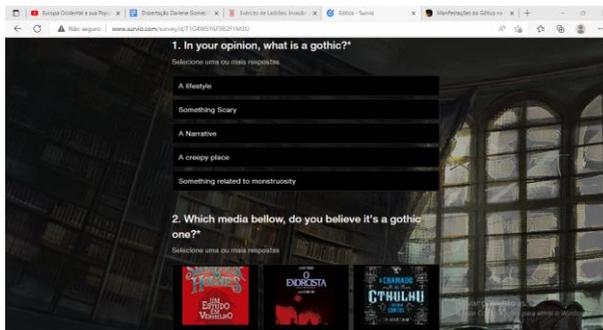
Fonte autoria própria na interface do Google docs.

O grupo de trabalho reunia-se semanalmente e a cada quinze dias apresentamos o desenvolvimento do projeto. Periodicamente, a cada quinzena, nos reunimos virtualmente

para apresentar as etapas do projeto. A intervenção pedagógica me ensinou muito, pois a opinião de um profissional engajado no processo e com larga experiência tem bastante a acrescentar. Percebi isso no projeto, pois, estava trazendo estagiários para a minha turma que realmente trabalhavam juntos. Alguns se destacaram e outros preferiram assumir a posição de vítima diante da tecnologia, mas nada atrapalhou o desenvolvimento do projeto.

Abaixo veremos o questionário sobre a narrativa gótica, em língua inglesa, na Figura 3, notem que os recursos imagéticos auxiliam na leitura da questão. Não sei você, caro leitor e colega de profissão, mas eu nunca havia acompanhado a produção de um durante minha graduação nem mesmo nos demais. Isso me deu autonomia para construir outros e trazer para minha práxis.

Figura 3 — Questionário



Fonte: Autoria própria Interface do Padlet.

Apesar de ser, neste momento, o único caminho possível, a tecnologia tem-se apresentado como um manancial criativo por incorporar imagens com qualidade, e diversos recursos conectados entre si, como questionário, texto, imagens, links e outros.

Considerações parciais

Na profissionalização docente a reconstrução faz parte do fazer pedagógico como vimos tanto no Laboratório de Licenciatura I e no II, neles identifiquei nos grupos de trabalho o espaço equivalente aos laboratórios pelas suas características prática e formativa. Neste ambiente é oferecido ao estudante de graduação a oportunidade de participação gradual nas aulas, ao professor regente é garantido o suporte pedagógico para as suas necessidades e, por fim, ao professor-formador é dada a possibilidade de analisar as teorias debatidas nas universidades e realizadas em sala de aula na educação básica.

Durante o tirocínio notei uma abordagem pedagógica de codocência coincidindo com o que buscava, percebi que o texto literário poderia ser a base da aula, e os teóricos iriam corroborar com a análise deste, a multimodalidade também se fez presente nessa percepção educativa. Acredito que a grande novidade é o fato de trazer para o estágio a intervenção pedagógica em formato colaborativo.

Para António Nóvoa (2017), firmar a profissão docente e o local do professor significa reforçar o fazer pedagógico, inclusive, é importante estabelecer laboratórios de licenciatura enquanto local híbrido constituído por uma parceria entre a Universidade e a Escola Básica para que se aprenda a prática laborativa dentro do ambiente escolar e amparado pelos referenciais teóricos conforme pude constatar nas atividades de codocência.

Pude notar que a realização do tirocínio em meio a uma pandemia ampliou as possibilidades deste, isso porque, em caráter presencial, seria impossível participar do GT em Jacobina, cidade a cerca de 300 Km de distância de Catu, município no qual resido e trabalho 40 horas semanais. Outro

ganho foi a oportunidade de desenvolver o letramento digital, visto que as plataformas disponibilizadas para educação no Google permitem inovações multimídias para enriquecer a prática pedagógica.

Durante o curso de mestrado, fui apresentada a teóricos que ampliaram muito a minha visão sobre conhecimento, mas ainda estávamos no campo da teoria. Havia uma grande necessidade em formação em práticas pedagógicas para o fazer docente e, assim, atingir a tranquilidade de desenvolver um processo de ensino aprendizagem de qualidade.

Nessa busca, depois de cumprir as disciplinas, encontrei na experiência proposta pelo tirocínio no mestrado uma dimensão de prática que trazia sentido ao que eu almejava encontrar na minha formação, a experiência de codocência com os professores parceiros.

Sendo este um espaço de cocriação da prática pedagógica articulando os eixos de Língua, Literatura e Ensino. Neste grupo de trabalho, há uma espécie de força tarefa contra a precarização da profissão docente. Então, o foco está no potencial da codocência para oferecer qualidade e profissionalização da na licenciatura. O objetivo geral é investigar a codocência enquanto espaço de profissionalização docente.

Sendo que este laboratório de Licenciatura ocorreu, especificamente, voltado para o ensino de línguas. Sempre me perguntei o que ensinar e alguns autores oferecem essa resposta como, por exemplo, Leffa (2016) que defende a presença de um interlocutor para dar sentido às práticas sociocomunicativas em LI utilizando-se das mídias sociais virtuais.

Então, o GT seguiu os passos de Leffa (2016), visto que a tecnologia mediou e possibilitou dar ao aluno interlocutores para ressignificar as habilidades e competências desenvolvidas nas atividades com foco no texto literário, mas também na interação.

Este autor, em seus estudos, acende uma luz para direcionar outros professores de Inglês. A tecnologia é a ferramenta basilar e o letramento digital fundamental para esta abordagem. Vilson Leffa retrata a necessidade de oferecer ao emissor um receptor para mensagem codificada em Língua Inglesa. Assim, o aprendizado me LI passa a fazer sentido para o estudante.

As atividades apresentadas nas figuras acima foram produzidas em conjunto com profissionais e estagiários da área. E, neste formato, a função do estagiário é preservada. Pois, o aluno da graduação vai assumindo protagonismo diante da turma, mas sob mediação do regente. A autonomia no fazer docente vai se construindo. Há ganhos tanto para o aluno-professor quanto para o professor regente pela atividade em conjunto.

Esse trabalho diário do professor precisa deixar o isolamento pedagógico para um coletivo produtivo, no qual, uns inspiram aos outros. Ou que, o docente se permita ser assessorado por seus pares em trocas de conhecimento em práticas. Já que, como Nóvoa (2017) indica, a formação de professores tem fragilidades pela própria composição dos cursos de licenciatura, deve-se criar ramificação de profissionalização docente para oferecer suporte ao docente na Educação Básica.

Essa ideia parece muito óbvia, mas esbarra em questões diversas como, a falta de tempo, de espaço físico, de aparato tecnológico, de tolerância interpessoal, de crenças limitantes, do sistema de precarização da educação. São muitos os entraves, porém, é uma questão de decisão, de dar o primeiro passo, de buscar parceiros, de acreditar.

Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. *Revista Educação: Porto Alegre*, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ ago. 2011.

FINARD, K; DALVI, M. A. Encurtando as distâncias entre Teoria-prática e Universidade-escola no ensino de Línguas e na formação de professores. *Revista Intersecções*, Edição 8 - Ano 5 - número 2 - 2012.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Tema destaque — Didática e formação de professores. *Cad. Pesqui.* 47 (166). Oct-Dec 2017

PEREIRA A.S.; MOTA, K.M.S. "Espaços biográficos": o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, A.S. (Org.). *Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas*. Curitiba: CRV, 2015, p. 105-117.

[Recebido em: 30 maio 2022 — Aceito em: 16 out. 2022]